

Dia –1

Favela Nova Holanda, início de fevereiro, sete da noite. Na laje, em meio a silhuetas de antenas de TV ao crepúsculo, tia Janaína recolhe a roupa do varal. Os prendedores ficam no arame, para amanhã; as peças de roupa, ela as dobra todas, meticulosamente, mesmo as de passar a ferro, e larga na bacia no chão, entre seus pés.

Pés enrugados, pálidos, nas sandálias brancas.

Desce pela escada no reboco, sem guarda-corpo. Segura a bacia de roupas secas apoiada no quadril e, com a outra mão, firma-se na parede. Anos atrás, descia rápida, ágil, mas agora, aos sessenta e tantos, a escada lhe parece mais estreita, e os degraus, mais altos. Assim como na infância tudo é maior, na velhice o mundo se remolda; tia Janaína aos poucos se adapta.

No térreo, apesar do lusco-fusco, ela para como se visse coisa grave. Suspira antes de reacomodar a bacia na barriga.

A cozinha e a sala separam-se por um sofá de idade e condição acobertadas por uma manta. De um lado, estante com TV, Nossa Senhora Aparecida e porta-retratos, cadeira de balanço de ferro e tiras plásticas e um banco mocho; do outro, fogão de quatro bocas sob a janela, balcão de fórmica e geladeira na parede lateral, e mesa de fórmica branca no centro. Tia Janaína larga a bacia de roupa seca na mesa e passa os dedos no tampo: coberto de poeira.

Ela crispa os lábios e olha para a porta.

De fora, ouvem-se martelada, carrinho de mão pesando no arrasto, ferramenta caindo no chão... Reforma, na favela, sempre há, e a poeira vem.

Tia Janaína acende a luz e olha para o chão: pior que a mesa. Ela contorna o sofá e senta-se de frente para a TV desligada. Seu reflexo na tela preta, distorcido, esfumaçado, não mostra as rugas, o cabelo grisalho, os olhos opacos... o cansaço. Por menor que seja a casa, tia Janaína sente o trabalho interminável: ao acabar de varrer aqui, já volta a poeira ali.

Quando chegou ao Rio de Janeiro, retirante do interior de Caraúbas, jovem e com um filho pequeno pela mão, fez dois pedidos ao marido: que ele assentasse piso na moradia e, assim que possível, porque era possível sonhar, comprasse para ela um aparelho de TV. Queria ver novelas. A irmã mais velha, já empregada em casa de família no Sul, contava, por cartas, das novelas onde tudo era limpo, nas casas não havia mobília gasta nem poeira. O piso foi assentado logo que lhes sobrou recurso; seu marido, após o jantar, misturava cimento e areia, suando, mas sorrindo. A TV demorou, entretanto, no carnê, um dia veio.

Batem na porta. Péssima hora para chegar gente. Tia Janaína, cansada, ia espanar amanhã, ia varrer amanhã. Vai se fingir de morta e não passará vergonha. Mas a visita insiste: “Janaína, pelo amor de Deus”; deve ter visto a luz acesa.

Agora, tia Janaína, sentada na cadeira de balanço, ouve a amiga dizer: “Meu guri não é fura-olho. Ou é?”. Negra gorda, a amiga ocupa meio sofá. Tem os olhos aumentados pelos óculos fundo de garrafa. Olhos inquietos, num vai e vem entre a dona

da casa e a estante da TV, o piso... Tia Janaína sabe: a amiga viu a poeira; mesmo não enxergando direito, ela reparou.

A amiga tira os óculos: “Lembra como eram grudados, o meu anjo e o teu? Desde que vocês vieram pra favela”.

Os meninos cresceram juntos, brincando, soltando pipa, explorando becos; iam juntos aonde as mães deixavam e aonde elas não deixavam. Sandália na mão, botavam os cambitos a correr nas vielas quando se viam enrascados. O filho da amiga ansiava sair dali, queria ser marinheiro, ganhar o mundo sem olhar para trás. “Aqui, vai dar ruim”, ele dizia. O da tia Janaína falava menos, só pensava no futuro se provocado pelo amigo, não sabia o que desejar da vida. Improvisavam uma mesa de pingue-pongue com tábua de obra em cima de engradados de cerveja e passavam tardes jogando, até a primeira mãe chamar. Era o limite do jogo, eles sabiam; saíam tristes, chutando poeira.

A poeira... Tia Janaína não pode relaxar. O tempo todo limpa, o dia todo varre. Se deixar para depois, dá nisso.

Da vizinhança, vem o berro de uma mulher ralhando com o filho e começa um choro de bebê.

A amiga fala: “Você acha que ele...”.

“O quê?”

A amiga se ajeita no sofá: “Que o meu guri se meteria com mulher dos outros?”.

Todos dizem na favela: o anjinho foi atrás da ex-namorada, paixão de infância, agora noiva do senhor da boca. Logo quem. E corre a história de ter havido julgamento e acabarem amarrados no fundo da lagoa ou enterrados numa cova no mato. Pobre mãe.

“Não foi a criação que dei pra ele. Você sabe. Os guris cresceram juntos. Eram farinha do mesmo saco.”

E o de tia Janaína não dá notícias há anos.

“Ele queria ser marinheiro, sair daqui, queria sair pra longe... No fim o teu foi antes”, a amiga derrama lágrimas.

Tia Janaína segura o choro.

O choro do bebê da vizinha continua, e mais alto.

“Se ele fez isso, foi amor. Meu filho não é um sem-vergonha.”

“Talvez ele volte”, tia Janaína diz. “Ou não volte, mas seja feliz nalgum lugar.”

Ela não vai contar o escutado, não vai tirar a esperança da amiga. O guri era sonhador, ela deixará a mãe sonhar também. E se tudo for mentira do senhor da boca para sair de macho em vez de como? E se o guri fugiu de verdade, para longe, ele e a moça?

“No fim...”, a amiga enxuga os olhos. “No fim a gente tem que aceitar que um dia eles se vão”, e espirra uma, duas, três vezes.

É a poeira. Ela sairá falando: tia Janaína é preguiçosa, não varre a casa, não passa um pano úmido; não lhe sobrou nada além desta casa, se não quiser morrer enterrada aqui, e suja, precisa limpar; deixou para depois, deu nisso.

A amiga saiu, ela mesma fechou a porta.

Tia Janaína continua sentada na cadeira de balanço.

O choro do bebê da vizinha vai enfraquecendo, enfraquecendo... Mas agora dá a impressão de ser aqui dentro da casa.

Tia Janaína canta: “Vento que balança as palha dos coqueiro... Vento que encrespa as água do mar”. Fecha os olhos e

se embala. “Que assanha os cabelo da morena... Me traz notícia de lá.”

Parece que batem na porta.

“Filho?”